

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho de dissertação estabeleci alguns paralelos entre conceitos ligados ao campo de alemão como língua estrangeira – em especial o de *Landeskunde* – e a teoria do agir comunicativo – dando ênfase aos conceitos de racionalidade comunicativa e mundo da vida –, de Jürgen Habermas. Fiz essa construção para, a partir dela, analisar três livros didáticos atualmente em uso para o ensino dessa língua a adolescentes ao redor do mundo – *geni@l klick*, *deutsch.com* e *Prima*. Como mencionei na introdução, o que me motivou a realizar esta pesquisa foi a impressão de que, apesar de às vezes passarem um tempo considerável aprendendo alemão, muitos alunos – ao término do nível A1 – eram incapazes de fazer uso daquilo que tinham aprendido na aula para se comunicar com outras pessoas. Vou usar as páginas finais do meu trabalho para, em retrospecto, observar até que ponto minha impressão se mostrou certa e em que direções aponta a análise que aqui realizei desses três livros didáticos.

No primeiro capítulo, percorri o caminho traçado pela *Landeskunde* e sua mediação nos livros didáticos ao longo dos anos. Concluí com o conceito integrativo de *Landeskunde* de Li, que nos mostra como é relevante que o conteúdo de *Landeskunde* tenha um caráter processual, em que ele é usado para alguma finalidade e pode, assim, ser de fato adquirido pelo aluno.

No segundo, passei pelos diferentes conceitos de racionalidade de Bacon até Habermas, para poder aproximar-me da teoria do agir comunicativo. Dela interessava-me a racionalidade comunicativa, da qual o conceito de mundo da vida é parte relevante: se ele é demarcado pelas nossas experiências e é o pano de fundo para que ocorra a comunicação, então como fazer para que pessoas de origens diferentes possam entender-se? Além disso, interessava-me também a distinção entre agir comunicativo e ação estratégica, uma vez que acredito que através do aprendizado de uma língua estrangeira podemos nos aproximar das diferentes maneiras de usar a linguagem – mesmo em nossa língua materna – e assim buscar uma emancipação das patologias do mundo moderno.

No terceiro capítulo apresentei a análise de livros didáticos enquanto campo pouco explorado no Brasil e razoavelmente desenvolvido na Alemanha. Mostrei

de que maneira os livros didáticos podem ser analisados e desenvolvi minhas perguntas-guia, associando os conceitos expostos nos dois primeiros capítulos. Nessas perguntas-guia coloquei em evidência os aspectos de *Landeskunde* nos livros didáticos, a maneira como são tematizados, de que forma fazem parte dos objetivos de aprendizado e como sustentam – ou deixam de sustentar – todo o processo de aprendizado do aluno trabalhando com aquele livro.

No quarto e último capítulo, fiz a análise dos livros didáticos. Através dos questionamentos das perguntas-guia essa análise me levou a constatar que minha impressão inicial não estava de todo errada: mesmo com todo o desenvolvimento da *Landeskunde* e a pesquisa referente à sua mediação, vi que pouco disso passa para os livros didáticos que chegam às mãos de professores e alunos. Assim, língua e cultura continuam sendo apresentadas como coisas dissociadas. A língua como uma estrutura a ser treinada; a cultura como um “extra”. Vejo essa dissociação como um reflexo do que Habermas chama de colonização do mundo da vida: a racionalidade instrumental impondo-se sobre a comunicativa, marcando um território a princípio voltado para a comunicação no sentido da compreensão mútua, da busca de entendimento. Jogar luzes sobre este problema se torna providencial para procurar sanar essa patologia do mundo moderno, uma vez que ele mostra que não é o excesso de racionalidade que causa a crise de legitimação da educação, mas sim o tipo de racionalidade ao qual se tem dado ênfase.

Assim temos um primeiro ponto iluminado pela análise. Evidentemente as estruturas mediadas pelos livros didáticos são corretas e constituem a língua alemã. Sob esse ponto, o livro didático garante ao aluno que ele seja compreendido linguisticamente, mas isso somente não evita certos *critical incidents* e não leva, necessariamente, a entendimento mútuo. Nesse ponto vale apontar também para uma dificuldade encontrada no trato com os textos traduzidos de Habermas, muitas vezes criticado, pelo menos no contexto brasileiro, por apresentar uma teoria supostamente ingênua por crer na possibilidade de consenso. Nos textos em alemão há toda uma gradação de vocabulário para a possibilidade de entendimento, que vai desde o *verstehen* (compreender) até o *Einverständnis* (chegar a um acordo), passando por *Verständnis* (a ideia de compreender o outro partilhando certa visão de mundo com ele), e *Verständigung* (chegar a um entendimento) (BANNELL, 2006, p. 72). A perda dessas nuances faz com que, em português – de fato – soe um pouco

exagerado dizer “entrar em consenso” quando na realidade se está fazendo referência a algo menos forte.

Não promovendo os livros didáticos, em especial *geni@l klick* e *Prima* uma compartilhamento de visões de mundo entre o aluno e possíveis interlocutores, eles deixam de contribuir para a função comunicativa – em termos de racionalidade comunicativa – do aprendizado de línguas. *Deutsch.com*, mais que os livros didáticos recém-mencionados, se arrisca no sentido de procurar conscientizar o aluno do seu mundo da vida, do seu contexto e das diferenças que ele pode ter com o contexto cultural alemão. Não acredito que ele chegue a ser completamente bem-sucedido sem o trabalho independente de um bom professor, mas ele dá indícios de que é possível trabalhar de maneira culturalmente relevante sem perder de vista que o aluno deve dominar regras gramaticais e ter uma boa pronúncia para ser compreendido. Acima de tudo, ele considera o aluno como ser reflexivo.

A necessidade ainda presente de um bom professor, capaz de enriquecer o material provido pelo livro didático se por um lado confirma que profissionais competentes são indispensáveis – por sorte! – por outro aponta para um ponto fraco na concepção dos livros didáticos, que poderia, em minha opinião, ser facilmente superado: o livro do aluno, o material mais caro dentro do pacote dos livros didáticos, nos três livros didáticos analisados, apresenta elementos cuja tematização poderia resultar em um trabalho de *Landeskunde* integrativa mais rico: as muitas imagens em *Prima*, o vocabulário em *geni@l klick*, as imagens e os textos em *deutsch.com*. Com indicações mais claras no livro do professor, poderiam ser realizadas atividades no sentido visado neste trabalho. Resta saber até que ponto isso interessa a quem produz os materiais.

Assim, meu trabalho indica como possíveis focos para futuras pesquisas, além de pontos mais evidentes como a aplicação dos livros didáticos em sala de aula – com pesquisas de cunho empírico –, o contraste entre usos diferentes por diferentes profissionais e a formulação de mais material complementar para os livros do aluno já existentes, também a averiguação das condições e contextos de produção dos livros didáticos hoje em uso.